

Edu Krieger

Boa tarde a todos, eu estou fazendo a curadoria desse projeto que se chama “Encontros com compositor carioca”. Hoje estamos acompanhados de um grande músico e compositor que não está oficialmente escalado para fazer o show dentro do projeto, mas que já que está aqui presente para participar vai aproveitar e entrar na dança também. Eu vou convidar aqui para ocupar os bancos, na berlinda, o nosso querido Rodrigo Maranhão e o não menos querido e talentoso Marcelo Caldi.

Eu quero dizer antes de mais nada que o projeto é uma troca de ideias e vocês tem toda a liberdade de participar fazendo perguntas e dando opinião. Eu vou começar esse papo, na verdade eu não vou fazer aquela cronologia de perguntar como você começou a compor, eu quero começar logo esquentando os tambores. Ontem, eu estava almoçando junto com o Rodrigo e ele me falou uma frase que me chamou muito a atenção, ele falou que embora ele já seja um compositor bastante conhecido, isso sou eu quem está falando, com uma obra bem extensa e bem visível, ele me falou que sente vergonha de compor, ele sente alguma inibição e eu falei com ele: você pode ter certeza que eu vou usar isso contra você. Eu já quero começar com essa parte de como é a sua relação com a composição, como é que você se sente na hora em que está compondo e que vergonha é essa que você sente e eu quero que você conte para gente.

Rodrigo Magalhães

Na verdade a vergonha não é de ser compositor, eu tenho vergonha durante o processo. A gente estava falando de parceria e eu falei que sinto uma certa inveja de quem consegue compor junto, porque quando eu vou compor o processo é totalmente individual, completamente, eu preciso estar sozinho, eu preciso estar tranquilo, de preferência até com a porta fechada. O ato de compor para mim é fazer uma coisa muito íntima, então quando eu componho em parceria eu peço que me mande uma letra, me mande um pedaço e eu vou para o meu mundinho e faço do meu jeito. Eu me acostumei a fazer música assim e talvez por saber das barbaridades desse processo, é quase um processo científico de tentativa e erro. Fazer isso com alguém, ficar errando na frente de alguém eu tenho vergonha. Então eu prefiro errar sozinho e mostrar a coisa já mais acabada.

Edu

Quando você está sozinho você lida bem com esse processo solitário de composição ou é difícil ou você também sente vergonha de você próprio e se olha no espelho e fala: que porcaria que eu estou fazendo aqui e joga muita ideia fora?

Rodrigo

Quando você está no processo é porque você achou uma pedra que a gente acha preciosa. Quem é músico, compositor está sempre compondo, 24h por dia. As vezes ele acha um brinquedo bom de brincar, eu pelo menos sou assim, e quando você está nesse processo, você tem um brinquedo e você vai para casa e tem necessidade de trabalhar com ele, ele é meio compulsivo e as vezes até meio chato, meio doloroso, quando as pessoas demoram, você fica com aquilo na cabeça. A mulher fala alguma coisa para você e você responde com um “tá” e foi assim que a nossa casa teve dois andares, porque quando eu vi minha casa tinha dois andares. Eu falei como assim, eu

não tinha combinado nada disso. Ela falou que perguntou e eu disse “tá”, é um desses momentos.

Edu

O pior não foi você não ter percebido que ela falou. O pior foi você não ter percebido que ela estava construindo o segundo andar. O pedreiro lá martelando e você não percebeu.

Rodrigo

Mas eu acho que como tudo na vida. Eu acho que nada é assim e ponto. Eu já fiz três discos usando muito esse processo de compor e acho que foi bacana porque eu queria que os discos tivessem essa cara mesmo, eu queria fazer três discos de canção, a gente foi criado numa geração que ouvia e hoje já não existe mais. Então eu tinha essa necessidade do ofício de fazer canção e agora eu já vislumbro começar a aprender a compor de formas diferentes. Eu acho que é um caminho natural começar a tentar trabalhar outras formas de composição.

Edu

Você falou desses seus discos de canções e você tem duas vertentes muito claras que é um trabalho próprio autoral muito voltado para uma instrumentação mais singela, com menos elementos, com um jeito de cantar mais comedido, um lirismo maior dentro das melodias, que você grava nos seus discos solo e você tem um trabalho há muitos anos a frente de um bloco de carnaval que é o “Bangalafumenga” que é o oposto disso e que você também eventualmente compõe pensando nesse bloco que é muita batucada, muito instrumento, o teu jeito de cantar muda, a tua forma de colocar a voz tem que mudar para você se fazer ouvir. Como é que você lida com essas duas demandas e transita por esses dois universos tão diferentes que você mostra no seu disco e no bloco de carnaval?

Rodrigo

Eu estou naquela fase do doente que reconheci isso, que eu sou duas pessoas completamente diferentes.

Marcelo Caldi

Bipolaridade. O mal do século XXI é a bipolaridade.

Edu

Só que essa doença a gente espera, pelo menos, que você não se cure dela, que você só reconheça, mas você não cure.

Rodrigo

Não é questão de curar. Igual ao processo de composição que eu falo que não precisa a vida inteira ser igual, eu acho que essas duas figuras talvez até antagônicas, na mesma pessoa que é uma loucura ao mesmo tempo, eu acho que eles podiam fazer um disco juntos. Eu estou falando sério, porque na verdade é uma barreira estética. Essa coisa de compor sozinho, de querer fazer disco de canção, de querer ter o pé muito firme no Brasil e querer se firmar como cantor de música popular brasileira, seja

lá o que isso seja, e a coisa do violão é quase um compromisso meu de fazer isso. Ao mesmo tempo a vida e a cultura da cidade me levou. Também tem a necessidade de estar trabalhando com música e nunca deixar de trabalhar com música que me levou para o carnaval. A gente viu no carnaval uma forma de trabalhar e de tornar o carnaval também uma forma da gente atuar já que nas gravadoras as portas eram todas fechadas, porque isso também é uma coisa que eu acho que deve ser falado, todo mundo teve que ir para a rua, não fui só eu. Era isso ou então era desistir de ser músico. Quando eu fui para a rua a minha guerrilha foi com o carnaval, foi com banda, foi com o Monobloco e chegou uma hora que eram duas coisas completamente diferentes, uma que não tinha espaço, não se dava vazão, mas ao mesmo tempo era muito precioso para mim, eu gostava muito de fazer aquelas canções de tocar aquilo, de tentar ser como os meus ídolos e ao mesmo tempo a gente estava construindo uma história na rua que tinha que ser redigida. Isso é o que o Krieger falou mesmo: o jeito diferente de compor, de cantar, porque a música tem que acontecer naquela hora, naquele momento e os dois foram cada vez indo para lados opostos e eu fui perceber há pouco tempo que você está desenvolvendo duas coisas completamente diferentes e começar a pensar sobre isso. O Zé Nogueira me falou uma coisa que é o que eu quero fazer no próximo disco, que é juntar os dois. Ele falou que queria muito que eu juntasse os dois no disco.

Edu

Você tem preferência sobre algum de você? Sobre aquele cara que pula em cima do carro de som igual um mico, porque eu já vi, ele não para, ele fica três horas sem parar pulando ou esse sujeito que vai se apresentar aqui, que fala baixinho, que conversa em um tom sereno. Qual desses dois você gosta mais e em qual deles você se reconhece mais? Se é que isso existe.

Rodrigo

Eu acho que sempre que eu vou muito para um lado, eu sinto muita saudade do outro. Sempre que eu sou muito introspectivo chega uma hora que eu acho isso muito chato e eu quero que isso se exploda, eu quero ir para rua e fazer o que a gente faz na rua. Se eu fico muito tempo também na rua é óbvio que eu vou sentir falta de estar recluso. Então, eu acho que criei um mecanismo de expandir e depois se recolher. Nessas horas eu ligo para o Caldi, ligo e falo: Caldi pelo amor de Deus eu quero fazer música, mas na realidade não é querer fazer música, eu queria voltar para aquele espírito de estudar música, de tirar as notinhas. Quem vive de música e aprende a reconhecer os músicos e as dificuldades de ser músico, a gente passar a ter muito orgulho da nossa profissão e da nossa arte.

Edu

Eu queria saber o seguinte. Você falou desse processo todo, da relação com a música e com a composição e você sempre é reconhecido pela crítica especializada e pelo público que te acompanha como um sujeito muito inspirado. Até que ponto essa inspiração pode ser forçada? Por exemplo, você gosta de trabalhar com música de encomenda? Se chegar amanhã um sujeito aqui e falar: Rodrigo eu tenho 15 mil reais para você fazer uma música, uma canção para o meu filme, só que você tem que apresentar depois de amanhã é o prazo que eu tenho. Você é capaz de se forçar

dentro de uma motivação como essa ou isso para você é inviável? Como é que funciona esse seu processo?

Rodrigo

Eu faço. Eu já fiz muita coisa por encomenda, já fiz jingle, as vezes funciona as vezes é só que você vê que usou a sua técnica para compor e fez uma coisa genérica.

Edu

Então fala um pouco da sua técnica para compor.

Rodrigo

Eu gosto de compor sem técnica. A técnica a gente usa porque estudou, mas a técnica é simplesmente uma ferramenta e as vezes ela atrapalha muito, porque a gente pode se viciar em caminhos harmônicos, se viciar nas coisas que a gente estudou e até o nosso conhecimento passa a ser uma limitação. Eu acho que quando eu vou compor e quando sai as coisas que realmente eu gosto é quando eu vou falar sobre alguma coisa que eu gosto. Eu acho que nem é tanto pela música, eu acho que é mais pela crônica, é mais por eu querer dar o meu depoimento.

Eu acho que o meu depoimento é uma coisa muito comum nas minhas músicas, é quase uma ode as coisas simples. Eu gosto muito de falar de coisas pequenas, até porque eu dou muita importância para essas coisas pequenas, eu acho que é o grande segredo. Eu gosto também quando a música me ajudar a encontrar algumas respostas ou perguntas que é o principal. Eu gosto muito quando no meio do processo que eu estou querendo falar sobre alguma coisa, nesse processo que você está tão imerso naquilo, você começa a ter outros questionamentos e eu quase sempre paro a música antes de chegar a conclusão, porque eu acho que chegar a conclusão seria a morte do que eu estou fazendo ali e fatalmente eu não vou estar sabendo a conclusão exata. Então acaba que minhas músicas são um pouco engraçadas porque elas não tem refrão, eu descobri há pouco tempo, eu descobri que eu era duas pessoas e descobri que só fazia músicas sem refrão. Eu estou tentando me curar dessas coisas todas e talvez eu faça um disco juntando essas duas pessoas e com vários refrãos.

Edu

E ai você vai ganhar alta da terapia, quando isso acontecer.

Rodrigo

Talvez uma gravadora até me contrate

Edu

E você toparia um contrato desses?

Rodrigo

Não tem problema nenhum. Os meus discos saem por um selo. Eu acho que o problema não é isso. Para mim a grande vitória da nossa geração é que a gente trabalha sem custo. As pessoas podem até ficar sem saber o que a gente está fazendo, mas a gente trabalha sem custo, eu acho que é uma grande vitória e acho que

fortalece a nossa geração toda. E eu volto para aquele sentimento, a gente se une pelo sentimento de sobrevivência, iguais aos soldados que lutaram na guerra juntos e passaram por momentos ruins, a gente se liga e se une por causa disso. Eu acho que não tinha espaço para ninguém, era todo mundo sem espaço, isso foi bom para mim por um lado, fora que o outro lado que a gente foi para o estúdio e aprendeu a gravar, aprendeu a produzir, a gente era holdie de nós mesmos, a gente fez bloco de carnaval, a gente produziu muito pelo fato de não ter um patrão, uma empresa, uma gravadora, que era como a gente achava que era e deveria ser.

Marcelo Caldi

É na crise que a gente se fortalece.

Edu

Dentro dessa ausência de uma indústria que gere uma visibilidade para o trabalho outros mecanismos devem ser acionados. Hoje em dia um mecanismo que está aí mais ao nosso alcance são as redes sociais. Como você lida com o seu trabalho, a sua composição dentro desse universo virtual? como é que você alimenta as redes sociais com o seu trabalho ou você se alimenta dessa rede? Como você lida com isso e qual a importância que você vê nisso e se você acha que hoje em dia o fato de não haver uma indústria, como você falou agora, é melhor pela questão da rede social ser mais democrática ou se você acha que poderia ser melhor se fosse como antes, se a indústria continuasse bancando o processo criativo? Como é que você lida com esse universo virtual?

Rodrigo

Eu acho que a gente veio de um outro tempo e ainda é um processo para mim. O mundo virtual e você estar nele usar o Facebook, postar os seus vídeos eu acho muito importante, mas eu ainda me sinto, igual a mesma questão da composição, da coisa que a gente tem que aprender a fazer diferente, a internet para mim é uma coisa que eu tenho que aprender ainda, eu não me vejo usando ela todo dia como eu poderia, mas eu acho que é um espaço onde cada um pode fazer o seu barulho. Eu gosto disso. Mas como a gente cresceu em um outro modelo eu acho difícil. Eu gosto muito de ficar sossegado e me dá muita agonia essa ocupação, as pessoas ficaram muito mais ocupadas, as pessoas ficaram mais tensas com essa questão de redes sociais e da comunicação absurda que a gente tem hoje. Eu gosto muito do outro lado, eu preciso de paz, imagina você compor um disco e toda hora chega uma mensagem. O whatsapp agora que eu aprendi que você pode silenciar aquele inferno.

A gente sabe que é importante, a gente sabe que também vai ter que aprender de alguma forma a usar isso, porque senão você está morto, mas ao mesmo tempo tem que saber se distanciar, porque a gente tem que estar emocionado fazendo música, a gente tem que estar inspirado fazendo música e nada pode atrapalhar isso. Eu tenho essa visão. Então quando eu estou muito internético trabalhando a coisa da divulgação e as vezes trabalhando no carnaval com banda e a música nova? Como eu não faço desde agosto quando começou a turnê do carnaval. Então é preocupante também porque você acaba usando a ferramenta para te ajudar e ela te suga o que você tem de mais precioso que é a tua paz, a tua calma, o teu sossego, o teu desapego também, porque uma coisa que eu falo muito, se eu preciso falar para alguém alguma

coisa de música, o principal é o seguinte: o que você quer? Nós somos trabalhados para ser frustrados 24h por dia, a nossa sociedade trabalha para frustrar a gente 24h por dia. Então o que a gente quer? O que é importante para a gente? Isso tem que ficar muito claro e reconhecer o seu sucesso. As vezes quando as pessoas me falam sobre a questão do sucesso, a questão da idade eu também falo que há muito tempo que eu faço sucesso, há muito tempo eu vivo de música. Eu tenho dois filhos, fiz casa, tenho um bloco que ajudou a bagunçar a cidade. Como é que se faz sucesso? Você me perguntou se eu quero esse sucesso? Então eu acho que é muito importante a gente dentro desse universo em que as pessoas precisam o tempo inteiro estar na tua cara, com cartaz de um, com cartaz de outro, a televisão o grande artista, não sei. Eu gosto de poder trabalhar do outro jeito também, com mais calma. Eu também gosto que me deixem quieto, acho bacana essa preguiça.

Comentário da plateia

Eu te conheci em um show com o Antonio Zambujo e lá você era uma terceira pessoa. Eu gostei muito daquela pessoa. Eu gostei muito daquele show. Como você estava lá é exatamente isso que você falou: um cara muito no ponto, cantando canções. Eu fui ver o show e acabei comprando coisas suas, porque eu gostei.

Rodrigo

Agora você me deixou maluco de vez. A terceira pessoa é essa aqui tentando se explicar. Eu com o violão fico muito relaxado.

Edu

Eu vindo de fora, vejo que essa pessoa que estava lá com Zambujo, que é a pessoa que ele trás para o palco nos shows dele mais intimistas é, também, uma pessoa muito desenvolta, muito demorada. O que a gente coloca como extremos de pessoas diferentes, de personalidades artísticas diferentes e esse do Zambujo e esse que está aqui, com o que ele se torna no carnaval. Não sei se a senhora já teve a oportunidade de ver ele no carnaval, ele se torna um animal fora da jaula. Esse é muito diferente porque eu acho que mesmo dentro do caráter intimista, da fala mansa que ele tem isso tem nuances de bom humor, de um discurso mais incisivo as vezes, ou mais comedido. Não significa que ele seria uma pessoa atuada nem na frente do Zambujo e nem durante o show dele e nem aqui também, ele não está atuado, mas dentro dessa dinâmica a diferença que tem para aquele cara do carnaval é um absurdo.

Pergunta da plateia que não foi captada durante a gravação

Rodrigo

Eu acho que foram duas perguntas e vou tentar responder. Uma questão é essa das músicas, na voz de outras pessoas. Eu não sei se com o Krieger e o Caldi é igual, mas se eu escuto uma música minha, independente de estar falando ou não é como se fosse um filho seu ali. Eu não tenho essa coisa porque no final o dinheiro entra na minha conta e eu acho bacana também o momento que as pessoas falam: caraca, essa música é sua! Isso me permite também um momento de as pessoas se surpreenderem e com relação ao prêmio é obvio que ajuda porque as pessoas passam a te reconhecer, é como se você tivesse subido um degrau, que na realidade não existe, você tem que

saber que continua tudo igual, mas para as pessoas você subiu um degrau e isso é bom porque as pessoas passam a ter mais atenção, tem a atenção da imprensa nisso ajuda. Por outro lado é uma coisa que eu passei a conhecer depois o “sucesso” cria uma antipatia também. Eu percebi isso tanto com o prêmio quanto com a banda. Banda pequenininha todo mundo amava, banda gigante muita gente odeia e é até agressiva com você e isso as vezes com a sua carreira também. O Rodrigo incompreendido e aquele compositor que ninguém lembrava, todo mundo amava, quando ele apareceu e começou a ganhar prêmios, é gravado e começou a ganhar algum tipo de reconhecimento, ele também é odiado. Não é uma questão de ódio, as pessoas começam a falar mais mal do que bem, como não falavam antes.

Comentário da plateia

Invejar

Edu

Não sei se pode atribuir a inveja.

Rodrigo

Eu acho que você fica em um lugar de visibilidade, que está sujeito a tomar de quem joga sempre, só que você não estava acostumado enquanto estava escondido. É uma crítica normal, só que a gente não estava acostumado.

Edu

É natural que joguem pedra em qualquer vidraça.

Rodrigo

De início isso te dá uma euforia e depois: caramba. Eu estava aqui quietinho.

Marcelo

E hoje as pessoas postam e colocam lá um comentário ofensivo.

Edu

Postam anonimamente que é mais bonito ainda.

Rodrigo

Mas depois também que você tira a casca grande e começa a entender esse processo de virar artista mesmo, porque quando você começa a incomodar, você vê que está participando de alguma forma da vida daquela pessoa e são formas diferentes de amar, são formas diferentes de interagir e aí é a casca, que é muito bom para você estar preparado para as críticas senão você não pode escolher essa profissão. Quando a banda crescer, quando eu ganhei esses prêmios foi bom, isso aconteceu meio junto, mas eu tomei esse susto de perceber que não era tão simples como eu achava.

Edu

Eu lembro que tinha um caderno no jornal O Globo chamado de “Megazine” voltado para o público adolescente, deve fazer uns quatro ou cinco anos atrás, que saiu uma crítica sobre o disco do Rodrigo jogando no chão todo o trabalho dizendo que era uma

porcaria. Dizendo que era um Luiz Gonzaga mal feito, misturado com Alceu Valença de segunda categoria, uma tentativa frustrada de ser um Paulinho da Viola que nunca seria.

Rodrigo

O melhor foi quando ele falou eu fazia música sobre um “universo passaliesco” que não me pertence.

Edu

Eu me lembro que nessa época eu me encontrei com o Rodrigo e eu acho que essa foi uma das primeiras porradas mais fortes, justamente, por causa do prêmio.

Rodrigo

Exatamente, acho que ele pensou: como esse moleque agora vai fazer MPB, vai fazer música e vai ganhar prêmio? Como assim? Quem ele pensa que é?

Edu

Então veio essa retaliação e lembro o comentário que ele fez, na época ainda um pouco atordoado, ele falou assim: cara, será que eu roubei alguma namorada desse cara na escola e eu não me lembro. Eu estou falando em tom de brincadeira, mas fica parecendo algo pessoal. A crítica quando vem assim de forma tão grosseira parece realmente que a gente roubou a mulher do cara.

Dentro disso que a gente está conversando me ocorreu saber o seguinte: quais são as diferenças, porque eu acho que as semelhanças são muitas, hoje daquele Rodrigo que eu conheci na faculdade, que frequentava as aulas de música e ficava nos jardins da faculdade dedilhando o violão cheio de sonhos, cheio de canção bonita que compunha simplesmente por uma necessidade de expressar os seus sentimentos e as suas impressões sobre o mundo e tinha o sonho que essas músicas chegassem a grandes vozes e que recebia naquela época muitos tapinhas nas costas e muito apoio das pessoas que diziam “você é o melhor da sua geração”, “você é o cara”, “você é um talento”. Quais são as diferenças, porque eu acho que a essência se mantém preservada, mas quais são as diferenças daquele Rodrigo, para o Rodrigo premiado, gravado já por meia MPB, requisitado e que teve que aprender a se defender desse tipo de bordoadas? O que mudou, se é que alguma coisa mudou, dentro da sua relação com a música e com o seu ofício e com você mesmo?

Rodrigo

O que mudou, eu não tenho muita clareza, mas eu sei que enxergo isso, aquele menino na UniRio, quase como uma outra pessoa e que tem muito orgulho dessas coisas que eu fiz naquela época. Hoje a situação é outra, a gente conquistou muita coisa, por isso que eu falo a questão do saber comemorar, saber o que você quer, porque eu poderia estar aqui achando que foi tudo horrível. As pessoas não me reconhecem e não me param na rua e isso podia me frustrar e derrubar, mas a gente escolheu outro caminho e quando eu olho para trás, para todos nós, eu não consigo ver mais a mesma pessoa, mas o que eu sinto daqueles moleques é muito orgulho, porque era tudo fechado, nós tínhamos a nós mesmos. Eu acho que é isso mesmo. Eu não sei o que mudou ou deixou de mudar. Eu continuo sonhando em viver de música.

Eu continuo sonhando em viver de música, mas hoje a gente é diferente porque a gente conquistou, queira ou não a gente conquistou muita coisa e é muito bom olhar para trás e ver o quão difícil foi, quanta coisa a gente fez.

Edu

Eu lembro a gente comemorando na UniRio, no fim da década de 1990 ou talvez no início dos anos 2000, porque a Verônica Sabino iria gravar uma canção sua em parceria com Pedro Luiz. A Verônica Sabino naquele momento, que é uma cantora que nunca esteve na grande mídia, nunca tocou na rádio maciçamente, mas ela era para gente um nome bem posicionado dentro de uma cena musical. Então a Verônica Sabino gravando o Rodrigo, para todos nós que estávamos ali perto parecia que estava se abrindo uma porta para que a gente entrasse de alguma maneira no mercado, como se a conquista dele de alguma maneira pudesse reverberar coletivamente. O que existe daquele momento, eu lembro você comemorou na cantina da faculdade quando disse que a Verônica Sabino ia gravar a sua canção, o que mudou daquele momento em relação ao momento em que você soube que uma cantora de expressão nacional, popular que é a Maria Rita iria gravar o “Caminho das Águas”, a sua composição que se transformou em música de trabalho, e o que existe disso hoje ainda, como é que você recebe e receberia a notícia de alguém te gravando, como é que você lida com a notícia de alguém te gravando? Isso continua sendo comemorado efusivamente ou já se tornou algo corriqueiro, blasé, você já fala que bom mas é só mais uma que vai gravar, que ótimo?

Rodrigo

É bem aquilo que eu falei antes. A gente tem medo de perder porque é mais fácil você ser conseguir ser gravado uma vez é muito mais difícil você continuar a ser gravado. Então por isso que eu comemoro. O Zambujo vai gravar minha música no próximo disco dele, então eu comemoro, é muito bom aquela coisa seguir. Só que aqueles primeiros eram mágicos, eram o começo de tudo, a Verônica, a Zélia, a Fernanda. Porque a Verônica pegou o Rodrigo, mas tinha aquele outro com banda que a Zélia, a Fernanda Abreu, o Parede também me puxaram e acabei ali me envolvendo com o Monobloco.

O que é sucesso para mim? Sucesso são sucessões de coisas boas, então tem que comemorar tudo, porque eu tenho que me manter comendo, qualquer coisa que acontece eu comemoro muito. Eu não sou um cara acomodado e embora eu comemore tudo, eu não quero parar aqui. Eu acho legal o negócio de fazer música, volta o negócio do medo de perder esse dom porque eu acho que a gente tem isso, pelo menos eu, eu acho que eu consigo compor porque eu consigo viver de uma forma poética, eu procuro viver de um jeito que me permita fazer poesia. Eu acho que a vida que tem que ser bonita, ela que vai me inspirar, como as coisas que você vê.

Pergunta da plateia

Eu queria saber depois do processo que você compôs uma música e percebe que tem palavras demais. Como é que você faz para enxugá-las? Você muda o sentido, como é que você faz esse processo de enxugar, ou não, já sai direto?

Rodrigo

Já sai um pouco reduzido. Eu já me conheço. Esse já é o meu jeito de fazer música. A questão nem é do reduzido, eu acho que quando estamos fazendo uma arte é tipo um quadro para a pessoa olhar, um pouco de abstração eu gosto nas coisas que eu faço, então quando eu concludo e tenho que explicar muito, eu acho pior porque perde o encanto, perde a magia, perde a oportunidade da pessoa achar realmente algo genial naquela música que não necessariamente é genial.

O genial para mim é você se emocionar com a música e ouvir a música e todos os poros se arrepiarem, isso é o essencial ainda, só que como a gente tem tanta história por trás e lógico que a nossa carga cultural tá junto para emocionar a gente, as vezes a gente escuta um tipo de música que aquilo te emociona porque é uma carga muito forte. Voltando a sua pergunta, as vezes é preciso falar mais, como em um itinerário que é o trajeto da van, aquela letra não tinha como ser pequena, se tinha que ser grande é porque o caminho é grande e teoricamente tem que dar a impressão que a viagem demorou um pouco, então passa a fazer sentido na canção que a letra seja longa. Em outras músicas eu começo a fazer e demoro tanto tempo para fazer a segunda parte ou tenho tanta dificuldade para fazer a segunda parte que eu termino a música inacabada, como todas as minhas músicas são assim, se você para para pensar, friamente, eu acabo antes, porque eu acho que é melhor aquilo, vamos chegar até aqui e a gente olha daqui, não vamos chegar tão de perto.

Pergunta da plateia que não foi captada durante a gravação

Rodrigo

Isso para mim é benção. É a velha questão “do que você quer?”. Para mim ter conhecido o Milton, ter travado conversar musicais, ele ficou até às quatro da manhã e quando terminou, no dia seguinte, eu fui falar com ele para pedir desculpa por ter feito ele esperar até às quatro da manhã. Ele nem deu tempo de eu falar isso, ele só falou comigo: que coisa boa ter ficado, eu tinha vontade de gritar. Então, quando você tem o aval de uma figura como o Milton são as nossas vitórias.

Eu só posso sentir gratidão pela música é como se ela tivesse te devolvendo um pouquinho que você fez por ela. Quando a gente dentro das nossas limitações, também tenta ajudar as pessoas, tenta ensina um acorde aqui outro acorde ali, tenta dar um conselho para um menino que está começando e sonhando em ser músico. A primeira coisa que eu falo é que o cara tem que ser muito teimoso, mas quando começa vir essas bênçãos, eu procuro dizer que sempre são momentos em que você ganha e percebe que o caminho é esse e segue fazendo. A gente sabe que todas as profissões são difíceis, mas na nossa tem dias que você está mal e mesmo assim tem tocar é muito complicado. Então a gente tem que estar feliz. Eu acho que o maior exercício para eu me manter músico é primeiro a arte tem que ser de verdade, desculpa porque eu fujo totalmente das perguntas.

Pergunta da plateia que não foi captada durante a gravação

Marcelo

A diferença entre fama e sucesso são duas palavras que se confundem. Eu acho que a fama é isso que a gente vive de celebridades, de vidas expostas. O sucesso é o que a gente colhe dia após dia. É um sucessão. Está na mesma raiz.

Pergunta da plateia que não foi captada durante a gravação

Edu

Essa relação quantitativa é interessante também porque eu tenho um amigo meu que tocava na “Tuma do Balão Mágico”, eu conheci o Michael Biggs, ele falou que o grupo dele acabou porque eles já estavam a seis meses tocando em estádios e eles iam se apresentar no ginásio que tinha capacidade para 15 mil pessoas e só tinham seis mil e por ter só seis mil pessoas. Você imagina que seis mil pessoas para quem faz um trabalho como o nosso, você vai falar que é uma coisa estratosférica, mas para a expectativa, quantitativamente falando dos empresários do Balão Mágico, seis mil pessoas era um fracasso retumbante e dentro de uma sequência de público entre cinco e oito mil, em estádios com capacidade para 15 a 20 mil pessoas, eles falaram vamos acabar com o grupo porque entrou em decadência e nunca mais vai ser sucesso. Para nós ter essa plateia que está presente em uma sexta-feira da paixão é um puta sucesso. Porque a gente organiza um bate-papo com o Rodrigo Maranhão e a possibilidade de terem duas pessoas ou três pessoas e uma delas está dormindo, então para gente ver esse número de interessado é um puta sucesso.

Por falar em gravar, você falou do Milton, o Maradona quando começou a jogar ele falou em entrevistas que ele queria ser o Rivelino, o Chico Buarque falou em algumas entrevistas que quando ele começou a compor ele queria ser o Sérgio Ricardo e nessa brincadeira de Playmobil, quem era você o bonequinho? Quem você era e logicamente quando você se percebeu como um compositor com potencial embora nunca tivesse composto, quando foi que despertou isso?

Rodrigo

Muito novinho eu gostava de heavy metal, eu gostava de guitarra distorcida, eu não entendia como uma pessoa pudesse tocar guitarra limpa. Com 15 anos eu comecei a tocar violão.

Edu

Quem foi a sua primeira referência? A minha foi Luiz Gonzaga e logo depois veio o Chico, o Paulinho, o Pixiguinha. Mas com seis, sete anos eu ouvia muito Luiz Gonzaga era fascinado e me influenciei muito pela linha melódica, pela capacidade dele de ser um melodista e pela proposta dele. Quem foi o cara que te chamou a atenção ou que te trouxe para o ofício de uma maneira mais efetiva?

Rodrigo

Eu não saberia dizer. Tem o Chico que é uma referência quase que obrigatória, mas quando eu escutei Eliomar, por exemplo, eu achei que tinha me encontrado no mundo. Eu era adolescente ou pré-pós adolescente, eu nem sei, essa ordem cronológica eu misturo tudo. Você me pergunta para trás e vem tudo embolado.

O meu bonequinho é o Chico Buarque, porque ele não é um cantor também, que se preocupa tanto com isso, ele está mais preocupado com a canção. Embora eu ache que eu toque violão mais que o Chico Buarque.

Edu

Eu acho que não. Outro dia eu vi o Chico Buarque tocando violão, ele estava tocando na minha frente, eu vi ele tocando em um bar na Lapa chamado “Semente” e eu fiquei barbarizado.

A capacidade dele de condução harmônica, embora ele tire um som preso, e tudo meio preso e tudo meio tenso, mas ele tem uma fluência dentro daquela condução de harmonia que eu fiquei embasbacado de ver de perto. Quando a gente vê no palco, a gente vê ele com a banda, com o Luiz Claudio Ramos dando aquele apoio, com sopros e João Rebouças no teclado e a gente não consegue captar. Mas a gente vendo muito de perto, eu vi o quanto que aquilo é tem uma maestria e o Chico toca para cacete e eu passei a perceber como um exímio violonista.

Marcelo

Eu tive um papo com o Gringa, recentemente, ele é um dos grandes violonistas que tem aqui hoje e é um grande compositor também e ele falava isso do Chico, como ele admirava o jeito do Chico tocar e cantar e esse casamento. Os músicos todos são encantados pelo que o Chico faz com e musicalmente também.

Edu

A gente poderia conduzir esse papo para um aspecto mais técnico de como é que compõe, o que vem primeiro. Então se alguém quiser fazer uma técnica fica a vontade. Eu só estou dizendo porque estamos fazendo um papo mais abrangente, porque nem todo mundo aqui é estudante de música ou compositor.

Pergunta do público

Eu queria perguntar a respeito da canção. Eu tenho para mim que precisa haver um resgate da canção. Eu não gosto muito dessa palavra “resgate”, porque eu acho que a gente não resgata nada e a gente faz uma coisa nova e continuamos a respeitar as canções do nosso passado. Eu queria que você falasse de uma forma bem aberta desse abandono da canção pela indústria fonográfica, pela exigência de se fazer uma canção de um certo formato e sobre as técnicas de gravação.

Rodrigo

Só para eu não me perder, em relação do instrumento, da instrumentação. Primeiro assim, violão para mim é unha, o timbre do violão, antes de passar por toda a parte eletrônica tem a questão do timbre que você tira, que para mim isso é fundamental porque você está tirando o som e aí a questão da captação eu deixo para os técnicos que conhecem, mas na hora de gravar o disco a gente fez uma coisa que eu tinha muita saudade, que a gente veio perdendo com o tempo gravando separado né. No “Itinerário” eu tive vontade de fazer diferente: tocar junto, ensaiar muito, para o arranjo ser criado ali coletivamente. Não tem arranjador o “Itinerário” foi o Caldi, o Pretinho e eu que fizemos os arranjos juntos e tocar para gravar a base, a voz a gente colocou depois, mas as bases foram juntos, o mais bacana foi ver que a gente mudou, teve uma música que o piano na hora de baixar a dinâmica era num ponto e a gente fez em um outro, porque a gente estava tocando junto e eu até comentei com o Caldi: cara, olha isso, a dinâmica era para ser ali naturalmente e ela veio antes. Isso para mim é música, isso para mim é você voltar ao colo dela, porque as vezes a gente sai do colo dela. Música para mim é uma coisa muito espiritual, você está representando uma

energia muito poderosa que a gente não tem a menor noção do com o que a gente está mexendo, eu acho que música é um pouco isso.

Pergunta do público

Pode concluir.

Rodrigo

Eu não concluo nunca.

Edu

Ele não conclui nada. Ele é uma espécie de Cesar do BBB melhorado. Ele não conclui nenhum raciocínio, mas o conteúdo é maravilhoso.

Pergunta do público (coletivo Cavalo Preto)

Eu faço parte de um coletivo chamado “Cavalo Preto”. Eu sou um cara que não tive uma oportunidade de fazer uma faculdade de música, eu tenho uma outra profissão, mas eu nunca tirei o pé da música acreditando nessa possibilidade, até mesmo espiritual como você falou. Como você então ou uma recomendação, eu aprendo as coisas todas sozinho, o trabalho de violão, eu uso muito essa coisa do break para eu rever, em que ponto você fez isso ou você faz isso? Você consegue parar e ver quando está legal e pensa é uma música que eu consigo apresentar para as pessoas, com vários instrumentos ao mesmo tempo.

Rodrigo

Você fala de instrumentação? Quando eu vou produzir um trabalho, eu quase sempre gosto de trabalhar com

Pergunta do público (coletivo Cavalo Preto)

Só para concluir. Em que ponto você acha que seria um problema não ter estudado música?

Rodrigo

O problema não é não ter estudado o problema para mim é o contato com a música. É a relação que você tem com a música porque você pena que não estudou, mas lógico que você está estudando.

Edu

Você acha que se não tivesse estudado, você teria os resultados que você obteve em termos de criação? Não estou falando de mercado?

Rodrigo

Isso é diferente. Porque tem vários jeitos de fazer música. A gente entrou numa de catar os caquinhos como as pessoas faziam. Então, você aprende os acordes, você vê as jogadas que o pessoal faz e isso vira ferramenta que ajuda e que por outro lado limita. Eu agora me esqueci a parte do conselho/recomendação.

Pergunta do público (coletivo Cavalo Preto)

Eu sou um camarada que aprendeu através das cifras e segui olhando as outras pessoas tocando. Eu não sou um cara que lê partituras, eu não consigo fazer isso. Eu sento, escuto e vou acompanhando. Mas até que ponto seria ideal, se voltar para isso agora nessa fase que eu estou

Rodrigo

Eu acho que a música tem vários caminhos e por exemplo, para mim foi essencial o estudo porque quando as portas estavam fechadas eu virei professor de cavaquinho, a gente usou essa ferramenta do saber música para se manter na música e não ter que fazer uma outra profissão. Teve uma época que eu conversava com o Krieger e eu falava que nossa grande vitória naquele momento era se manter músico, eu achava que se a gente desviasse o foco por conta das dificuldades, não tem grana vou fazer outra coisa, seria o fim. Agora isso é para mim, que quase sempre tive uma relação quase obsessiva com as coisas que eu fazia. Obsessiva que eu falo é querer entender o porque, os nomes, como funcionam. Voltando para aquilo que eu falei do colo da música, a música não te pergunta se você estudou, se você fez faculdade. Ela pode te abençoar, não estou nem falando na questão do sucesso, ela pode te fazer um bem terrível só pelo fato dela estar na tua vida e isso para você pode bastar.

Marcelo

Eu acho que a música é uma coisa e a teoria é outra. A teoria é só ferramenta, como ele falou, como você estudar uma técnica de instrumento é uma ferramenta para você tocar com mais desenvoltura. A gente tem milhões de exemplos de pessoas que não leem partitura e são excelentes músicos e aprendem por osmose, tem criatividade, tem intuição suficiente para fazer músicas variadas. Eu acho que esse lance de teoria é uma necessidade de cada um. Eu por exemplo tive isso em casa, o Edu teve um pouco também, talvez o Maranhão não tenha tido vai da história de cada um, mas isso não pode ser uma premissa para você ser músico. A música é uma língua, a gente não aprende a falar antes de escrever?

Pergunta do público

Você é autor de canção, então você lida com música e com letra. Eu queria saber como é a sua relação com a palavra. Você tem a necessidade, o hábito de ler poesia, não para poder se inspirar, mas para poder gravitar nessa atmosfera da palavra escrita?

Rodrigo

Eu tenho o hábito de ler independente de poesia ou não. Eu tenho uma coisa com a palavra, eu não gosto de palavras que estão ai há pouco tempo, palavrinhas que apareceram agora, verbos que são criados, inventar verbos. Eu gosto da palavra. Daquela que o meu avô falava, meu bisavô falava porque eu acho que quando você. Eu gosto de trabalhar com essas palavras mais firmes, que o significado está ali há muito tempo, tem mais poder. Eu sinto isso. O Moreno falava uma coisa para mim: Maranhão você é antigo. Eu não sabia se aquilo era uma crítica ou não. Eu acho que ele até falava de uma forma carinhosa, mas eu acho que é isso. Quando eu vou fazer música de alguma forma eu sou um pouco antigo. Outra coisa também fugir de rimas óbvias “legal”, “astral” não podem ter numa música minha. Eu não posso rimar legal com astral. Entende o que eu estou falando? Porque não tem, tá muito na cara aquilo

e outra coisa que é importante na coisa da palavra é a música. A poesia tem uma música, ela tem as rimas externas, mas ela tem as riminhas ali dentro também, que ajuda pra caramba tornar aquilo gostoso de falar. As vezes mais que o significado é aquele som que é bonito. Então as vezes eu me permito frases que o som delas juntas ficam muito bonitas.

Edu

Djavaniar, o que há de bom. Djavan.

Rodrigo

Ali ficou bom. Essa música é linda.

Edu

O Djavan trabalha o texto de acordo com a sonoridade ou a rítmica da palavra e não necessariamente com o sentido concreto.

Pergunta do público

No seu processo você tenta colocar a mesma desenvoltura pela letra e pela música

Rodrigo

A ideia vem primeiro, o tema vem primeiro, o mote literário vem primeiro. O mote quase sempre é literário, tem o mote musical. A canção para mim é o mote, eu não acredito em canção sem mote, eu chamo de mote aquela pedra que o cara vai fazer virar alguma coisa.

Edu

O teu mote está no texto?

Rodrigo

Quase sempre, as vezes está, mas nem sempre está no texto. Eu quero fazer uma música que fale, me incomoda muito essa coisa das pessoas se apropriando da benção e atravessando a nossa história, eu sei o caminho, eu vou te ensinar o caminho, me siga. Eu tenho muita vontade de fazer uma canção perguntando assim: Por quê está entrando na minha frente? A luz. Por quê?

Isso para mim é o mote e como eu vou transformar em canção é o mais difícil, é muito difícil, mas isso é uma ideia que eu tenho vontade de fazer uma canção. A ideia e o mote já está muito quente, eu tenho certeza que um dia, eu vou criar forças para encarar a canção porque é um caminho doloroso aquele momento que você vai ficar ali algumas horas e passa a ser compulsivo. As vezes quando é canção sobre encomenda o mote é a encomenda.

Pergunta da plateia (A gravação registrou apenas um trecho da pergunta)

Como é a cena autoral para quem não é compositor do Rio? Como vocês percebem que está essa movimentação por aqui, ele consegue trabalhar com a música autoral, ele consegue viver com a música autoral. Enfim, há espaço para quem não trabalha apenas com samba?

Rodrigo

Direito autoral ajuda muito dentro daquela coisa que eu falei antes: a gente precisou criar outras formas de sustentação. Eu acho que o Krieger foi tocar o violão dele.

Edu

O Bangalafumenga, foi na Lapa, ele (o Rodrigo) foi se dedicar ao carnaval, foi dar oficinas de percussão, eu fui para a Lapa com o violão, a gente busca as nossas guerrilhas.

Rodrigo

Em resumo, o que eu acho do compositor autoral e que ele precisa também da guerrilha, porque é na guerrilha que você consegue se manter e você se encontra também os seus pares, as pessoas que de certa forma você se reconhece.

Edu

Não é ruim fazer parte de uma cena de música capixaba ou música carioca, embora seja reducionista. Porque é a partir daí que vai se construir um alicerce para algo. Aquilo vai ganhar uma visibilidade maior. Se a música capixaba se tornar forte como uma cena cultural, como a música pernambucana se tornou com o movimento mangue beat, todas essas reduções podem ser utilizadas a favor da cena e a favor de quem faz parte dela.

Rodrigo

Tem uma coisa que o Banga faz é dissolver isso tudo. Se falar que a gente faz música carioca dentro da formação do batuque coloca um pouco de ijexá, ciranda, samba, funk. A gente resolveu achar que isso é música e foi bacana, eu sempre digo isso, porque a gente quebrou algumas barreiras. Quando a gente chega apresentam como é o grupo do Rio, mas só tocando samba, funk e as coisas muito ligadas ao Rio a gente tinha muita resistência em São Paulo e em alguns lugares. Eu percebia que tinha uma resistência e eu acho que quando a gente dissolveu isso um pouco, eu sinto que a gente passou a ser mais reconhecido em outros lugares. Eu acho que tem música brasileira, tem cena capixaba, cena carioca, cena paulista, tem que ter. Eu não conheço nenhum compositor que não tenha a cena dele é muito difícil você se segurar sozinho nessa profissão que a gente tem.

Edu

O próprio Caetano é um dos nossos exemplos mais plurais e globalizados, mas faz parte de uma cena baiana, não tem como você não identificá-lo com a Bahia, embora não seja a Bahia do Dorival Caymmi ou do João Gilberto, mas é Bahia. Então, é bacana você fazer parte de uma cena.

Teve uma vez que a Ana Carolina foi assistir a um show nosso no teatro São Caetano e teve um determinado dia que ela falou o seguinte: e o teu amigo Rodrigo heim cara, ele é bom né, traz ele um dia aqui, eu vou fazer um churrasco e traz ele aqui para a gente conversar, trocar uma ideia. Eu falei Rodrigo bora lá na Ana no domingo? Ele falou que legal, que generosidade a sua me convidar. Eu respondi que quem estava convidador era ela, ela que queria a presença. Ele me pediu para ligar domingo as 14h para combinarmos de ir juntos. No domingo eu liguei e ele me falou

que estava jogando videogame com o Joaquim, eu vou regar as plantas. Eu falei que ela que queria conhecer ele. Ele falou: você sabe como eu sou, eu estou aqui feliz. Moral da história é que ele não foi. O fato é que você tem o temperamento mais recluso e eu estou aqui brincando com a história, mas a minha última pergunta é: até que ponto você acha que esse temperamento te traz perdas ou te traz ganhos e até que ponto você acha que essa social, que o mercado exige, ela de fato é necessária para que um compositor consiga reverberar o seu trabalho? É uma pergunta muito objetiva.

Rodrigo

Em termos da música eu acho que as vezes ajuda um pouco o isolamento e em termos de vocação eu acho que atrapalha. A gente tem que aceitar a pessoa que a gente é também. Tem que ter o cuidado para não se forçar a ser diferente para não perder o colo. Essa questão do colo, que pode ser uma bobagem, eu preciso, eu preciso estar tranquilo. Eu não posso achar que a minha profissão é uma obrigação, eu vou porque eu gosto muito, porque eu tenho muitos amigos que eu amo muito. Tem aquelas pessoas que eu tenho necessidade de encontrar mais.

Edu

Mas te agride ir em um coquetel, em uma premiação encontrar gente que você, não tenha necessariamente essa identificação, para estar ali visível dentro de um nicho de mercado?

Rodrigo

Sempre que eu saio eu gosto.

Edu

O problema é sair.